



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

COLONIZAÇÃO E NACIONALISMO PORTUGUÊS: A PERSPECTIVA DE MÁRIO SOARES ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 A 1960

Autores: KAROLINA SANTOS DA ROCHA;

Introdução

É um fato muito significativo que haja, ainda hoje, um grande número de opiniões que contestam a permanência do Nacionalismo no século XX. Segundo Michel Mann, tal abordagem é sustentada a partir de argumentos como a predominância do Capitalismo Global e das redes transacionais de poder. Contudo, se observarmos o funcionamento de inúmeras nações atuais, poderemos encontrar reflexos, referências e elementos que indicam a continuidade de princípios e práticas nacionalistas. Assim, os sistemas nacionais de educação, os meios de comunicação de massa e os mercados de consumo continuam a subverter o localismo e a homogeneizar a vida social e cultural em unidades que, em sua menor extensão, são nacionais (MANN, 2002: 314).

Porém, antes de estabelecer uma discussão a respeito do conceito teórico de Nacionalismo, é fundamental destacar o teor polissêmico desse termo. Não há um consenso na historiografia que define tal ideal, desafiando uma definição objetiva. Dessa maneira, esta pesquisa se baseia em perspectivas teóricas de determinados autores, a saber: Geary, Mann, Hobsbawm, Gellner, Smith, Nascimento e Sobral. Assim, para pensar sobre a questão nacional consideramos interessante relacionar a trajetória de um indivíduo específico, neste caso um intelectual, à estrutura da nação.

Pensar nos intelectuais enquanto objetos de pesquisa histórica é muito importante. De alguma maneira, eles se inserem no espaço público e podem desempenhar papéis significativos no desenvolvimento de projetos sociais, políticos e nacionais, disseminando ideias e agindo além do espaço que eles ocupam.

De acordo com Smith, não só nacionalistas, mas também não-nacionalistas, podem canalizar emoções e manipular medos e ressentimentos das massas. De modo que, processos de formação de nações, em certa medida, independem das atividades dos ideólogos nacionalistas (SMITH, 2002:201). Pensando nisso, dirigimos a nossa atenção ao ex-presidente e ex-primeiro ministro Português Mário Soares em um momento específico: as décadas de 1950-1960. Este frequentemente se posicionou contra os princípios nacionalistas e nunca assumiu ter sido um adepto dessa ideologia. Nesse sentido, de forma simples, podemos rapidamente concluir que Mário Soares não foi um nacionalista, mas difundiu princípios nacionais. A problematização apresentada nos leva a uma resposta simples, porém, sem a devida reflexão e que pouco explora toda a riqueza do processo. Antes, é preferível perguntar: Em que contexto Mário Soares estava inserido? Como se deram os discursos que envolviam a nação e o colonialismo naquele contexto? Como funcionava a sua dinâmica familiar? Quais ideias, autores, escolas e universidades contribuíram para a sua formação intelectual? Qual a intenção em afirmar o alheamento à influência nacionalista? Em suma, como tudo isso contribui para a orientação de suas ações?

As ideias não estão sozinhas e não são autônomas. É necessário historicizar os agentes que se relacionam com a questão nacional, inserindo-os em um contexto específico. As ideias ou ações são escolhidas pelo contexto, não programadas por pertencerem a um grupo. Dessa forma, não só o discurso deve ser analisado, mas também a teia de relações por trás do objeto de investigação, apreendendo o que não é mencionado deliberadamente. Anthony Smith nos lembra que, essa doutrina ou princípio nacionalista tem sido frequentemente encarada como uma ideia fixa, uma força motriz que permanece constante sob muitos disfarces. Nesse sentido, a premissa desse trabalho é que intelectuais como Soares não estão alheios à influência nacionalista e que podem incorporar tais ideais.

O objetivo, portanto, é refletir a respeito de um caso específico: a maneira como se dá a relação entre o intelectual e político Mário Soares com o tema: nação e nacionalismo em um momento específico (1950-1960). Este trabalho apresenta os resultados parciais investigados ao longo da pesquisa. Não pretendemos abordar a significação da questão nacional de maneira geral e absoluta, pois trata-se de uma investigação em um âmbito específico.

Material e métodos

Para a realização da pesquisa foi necessário compreender os vínculos sociais do político lusitano, bem como o contexto histórico Português e a dinâmica social e política a qual Soares estava inserido, ressaltando os debates acerca das colônias e da nação. Além disso, a pesquisa compeliu a leitura de teóricos do Nacionalismo e escritos do próprio Mário Soares.

Resultados e discussão



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Segundo Joaquim Vieira, Mário Alberto Nobre Lopes Soares nasceu no dia 7 de dezembro de 1924 no seio da elite da sociedade burguesa à época. Ele próprio não nega o espaço social em que se encontrava: “Fui um privilegiado.” No seu círculo familiar, havia intensas discussões políticas, o que acaba influenciando Soares: “A minha casa respirava política.”

Seu pai, João Lopes Soares, foi deputado em diversas legislaturas, governador civil por três vezes em diferentes distritos, chefe de gabinete no governo e ministro e responsável por produzir o manual escolar de educação cívica “Portugal, Nossa Terra” (de forte teor nacionalista). Ademais, devido a interferência do catolicismo em sua vida, o filho é batizado a partir do rito católico.

Quanto à sua formação, Soares estudou em colégio particular durante o ensino primário e secundário. Mais tarde, chegou a estudar na instituição que seu pai criara – O Colégio Moderno. Para Vieira, nesse aspecto, o pai ficou satisfeito – os professores passaram a Soares os assuntos necessários para a formação de um político e, assim, aos 17 anos, ele já possuía uma boa cultura política – incluindo a leitura de vários intelectuais comunistas. Quanto à formação universitária, graduou-se em Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras em Lisboa em 1942. Nesse período, aumentou sua participação em discursos de sessões políticas, além de obter grandes benefícios com a rede de sociabilidade de seu pai, o que contribuiu para adentrar em espaços antissalazaristas. Ademais, Soares e outros jovens militantes organizavam reuniões em clubes populares – que se tornaria uma poderosa organização estudantil antifascista. Um claro exemplo é a sua filiação ao PCP (Partido Comunista Português). Sobre isso, é imprescindível destacar que “o PCP declarou o seu apoio à independência das colônias” (PINTO, 2002:37) e a luta contra o Estado Novo.

Acreditamos que, iniciar uma discussão mais ampla a respeito da questão colonial é indispensável na medida em que há uma relação direta entre a identidade nacional portuguesa e a permanência das colônias. Desse modo, o projeto colonial não pode ser compreendido apenas por um viés econômico. Segundo Valentim Alexandre, a própria sobrevivência da nação dependia da existência do Império, de modo que o projeto colonial passa a ser o elemento central do nacionalismo português. Essa abordagem se destaca no momento em que é incorporada à Constituição de 1933: É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam (art. 2º do Ato Colonial de 1930, incorporado posteriormente na Constituição de 1933). Notamos, portanto, a consolidação constitucional de uma mentalidade já existente em alguma medida na dinâmica social Portuguesa, justificando o domínio colonial.

Em se tratando do período que mais nos interessa, Soares afasta do PCP de maneira confusa, e em 1950, rompeu definitivamente. Também rompe com outros movimentos como o MUDJ (Movimento de Unidade Democrática Juvenil). Para Vieira, nestes anos, a política ativa não o mobilizou: “Foram bastante calmos no plano da intervenção política, mas fecundou do ponto de vista da reflexão e da aprendizagem teórica” (VIEIRA, 2013, entrevista com Mário Soares).

Pensando no contexto Português, é fundamental ressaltar as influências do pensamento luso-tropicalista de Gilberto Freyre usados pelo Estado Novo para legitimar as práticas colonialistas. A doutrina trazia como principal novidade a dupla valorização do contributo dos nativos ameríndios e da população negra para a formação da civilização tropical brasileira, e da capacidade dos Portugueses para se unirem aos trópicos por uma união de amor e não de interesse, baseada sobre a compreensão e a adesão aos valores das culturas que encontravam nas regiões do ultramar – uma capacidade que se revelaria na fácil assimilação dos costumes, estilos de vida e valores nativos, traduzindo-se numa verdadeira arte em combinar valores civilizados com indígenas (ALEXANDRE, 1995:48).

Entendemos que, o contexto o qual Mário Soares estava inserido influenciou suas concepções a respeito da nação portuguesa e sua relação com as colônias. Segundo Gellner, a raiz do nacionalismo não é a ideologia, mas a experiência cotidiana. Dessa forma, o indivíduo pode assimilar tais ideais.

Em seguida, segundo Soares, a advocacia surgiria como uma carreira profissional alternativa, o que o levou a se inscrever no 1º ano da Faculdade de Direito de Lisboa em 1952 – como aluno voluntário. Em sua formação obteve contato com Marcelo Caetano, que foi seu professor de Direito Constitucional, Administrativo e Ciência Política. Nesse sentido, compreendemos que possivelmente este pode ter influenciado Mário Soares. Marcelo Caetano não era a favor da autodeterminação das Colônias Ultramar, além de afirmar a inferioridade dos negros em relação à Europa: “Elementos produtores enquadrados ou a enquadrar numa economia dirigida pelos brancos”. “Os pretos em África têm de ser dirigidos e enquadrados por europeus, mas são indispensáveis como auxiliares destes”¹. A partir da década de 50, é evidente a mudança de paradigma de Mário Soares. Seja devido o seu posicionamento a respeito da colonização, ou a sua visão a respeito da nação Portuguesa. Segundo Vieira, durante esse período, o tema da questão colonial começa a ser tratado com pinças mesmo entre os membros das novas gerações antissalazaristas, sem a existência ainda de uma posição clara a favor da descolonização. É dessa maneira que Mário Soares se posiciona. O escasso número de fontes a respeito do tema no período estudado também indica isso.

Conclusão

No decorrer das nossas pesquisas identificamos um encadeamento de elementos que reflete a influência nacionalista no pensamento de Soares. Sendo assim, procuramos evidenciar que apesar deste não ter assumido tal posição, em suas ideias estão presentes referências nacionais.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação de Amparo à pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), pelo financiamento da pesquisa. Ao meu Orientador, Professor Laurindo Mekie Pereira, pela confiança, ajuda e por todos os ensinamentos e ao professor Elvis de Almeida Diana pelas excelentes discussões em sala.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Valentin. **Portugal em África (1825 – 1974): Uma perspectiva global**. Penélope, n.11, 1993.

ALEXANDRE, Valentin. **A África no imaginário político português (Séculos XIX – XX)**. Penélope, n.15, 1995.

GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: A invenção do nacionalismo**. São Paulo, 2005.

GELLNER, Ernest. **O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe**. BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

HOBBSBAWN, Eric. **Etnia e nacionalismo na Europa de hoje**. BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

MANN, Michel. **Estudos nacionais na Europa e noutros continentes: diversificar, desenvolver, não morrer**. BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

NASCIMENTO, Paulo César. **Dilemas do Nacionalismo**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, 2004.

PINTO, António Costa. **O fim do Império Português**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

SMITH, Anthony. **O nacionalismo e os historiadores**. BALAKRISHNAN, Gopal (org.). Um mapa da questão nacional. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

SOBRAL, José Manuel. **A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português**. Análise Social, Lisboa, 2003.

VIEIRA, Joaquim. **Mário Soares: Uma Vida**. Lisboa: A Espera dos Livros, 2013.